

MOREIRA, Maria de Fátima Semblano Pereira – *A Igreja serva no Concílio Vaticano II e em Paulo VI*, Évora, 2009, 336 p.

A autora é membro duma Congregação religiosa fundada pelo notável Bispo D. Manuel Mendes da Conceição Santos e por isso, como confessa, sentiu-se atraída pelo tema que tendo embora os seus fundamentos no Concílio, não aparece, como tal, nos documentos conciliares.

A obra divide-se em duas grandes partes, a primeira analítica desenvolvendo o tema nos documentos do Concílio e nos documentos do pontificado de Paulo VI, que foi o grande e eficaz homem da aplicação do Concílio e a segunda alargando-se numa reflexão mais propriamente teológica em que tenta trazer à superfície as consequências duma Igreja serva.

A primeira parte oferece-nos, sem dúvida, uma documentação exaustiva sobre o tema, quer apresentando as referências conciliares, quer os documentos e declarações de Paulo VI. Essa apresentação, é um bom ponto de partida, mas tem os seus limites. Efectivamente a nosso ver, seria útil integrá-la numa perspectiva mais ampla da situação da cultura, marcada, desde o Iluminismo, pela aspiração à autonomia e desde logo pela necessidade de um novo posicionamento da Igreja. De facto, o *Sitz* da nova situação da Igreja em face do mundo é incompreensível sem este momento da história da cultura.

A segunda parte desenvolve uma reflexão teológica de cariz fundamentalmente cristológico, procurando fundamentar a nova eclesiologia na concepção de Igreja como sacramento de salvação e tirando daí as consequências para a postura de serva. O procedimento é justo e rigoroso, mas resultaria melhor se na primeira parte se cumprisse o requisito do novo contexto, em que actua a Igreja, de pluralismo cultural, liberalismo e da democracia.

Partindo do fundamento cristológico, a autora desenvolve, muito bem, em três sub-capítulos a atitude da Igreja decorrente da nova situação, que convida a um seguimento de Jesus: as atitudes essenciais, os âmbitos do serviço e o serviço do testemunho profético. Em geral, estes três sub-capítulos, quase programáticos, são não apenas bem fundamentados, mas muito claros e convincentes, pois longe da ganga das retóricas livrescas e doutriniais que por aí se encontram.

O texto termina com um bem documentado aparato bibliográfico que o enriquece, pela sua actualidade e pertinência.

Resta-nos felicitar a autora por ter escolhido um tema síntese do Concílio e o ter desenvolvido de maneira clara e não raro programática.

Arnaldo de Pinho